



Sugestões para

LITURGIA DOMINICAL

19 DE MARÇO DE 2017 | 3º DOMINGO DA QUAREMA – ANO A

O encontro de amor que leva à fé

Textos bíblico-litúrgicos: Ex 17,3-7 // Sl 94 // Rm 5,1-2.5-8 // Jo 4,5-42.

Antífona de entrada: “Quando reconhecerdes a minha santidade, eu vos reunirei de todas as nações. Deramarei sobre vós uma água pura, e sereis purificados de todas as faltas. Dar-vos-ei um espírito novo, diz o Senhor”.

Oração do dia: Acolhendo a confissão de nossas fraquezas, sejamos confortados pela misericórdia do Senhor.

Oração sobre as oferendas: Pedindo perdão por nossos pecados, saibamos perdoar a nossos semelhantes.

Prefácio 3º D. Quaresma: A samaritana.

Antífona de comunhão: “Naquele que beber da água que eu darei, diz o Senhor, brotará uma fonte que jorra para a vida eterna”.

Oração depois da comunhão: Saciados com o pão do céu, pedimos a graça de manifestar em nossa vida o que o sacramento realizou em nós.

1. Nesse domingo, continuando o caminho catecumenal, somos convidados a abrir o nosso coração para o dom de Deus. O convite feito a nós, no domingo passado, de escutar Jesus, o Filho bem amado, nesse domingo permanece: “Não fecheis o vosso coração, mas ouvi a voz do Senhor”, reza o salmista. Se o caminho catecumenal é iniciação à fé cristã, o convite à escuta é fundamental, pois a fé cristã nasce nos ouvidos: é sempre anúncio do Reino, como convite à conversão feito a todos os homens e mulheres. Essa fé tem dupla dinâmica: é dom de Deus e acolhida humana. Também a fé judaica, raiz de nossa fé cristã, tem esse caráter: Deus salva o povo da escravidão, gratuitamente, e os convida à Aliança. O desafio para o povo é se manter fiel à essa fé, ao longo da história. A I Leitura da liturgia de hoje reflete sobre isso. Com o passar do tempo, o povo libertado da escravidão do Egito encontra, no deserto, desafios e dificuldades e murmura contra Moisés e, conseqüentemente, contra Deus. A distância do Evento da Libertação parece ter feito o povo perder a memória do amor de Deus. O povo, que festejava e gritava de alegria pela vitória da passagem do Mar Vermelho, agora se queixava, diante da falta de água. A forte liderança de Moisés favoreceu uma dependência

do povo para com ele. O povo não mais conseguia ter iniciativa para resolver seus problemas, só reclamava e deixava que outros decidissem e assumissem as dificuldades por eles. Era difícil para quem estava acostumado à escravidão começar a se organizar e buscar meios coletivos para resolver seus problemas. A liberdade exige empenho na luta contra a escravidão. Por isso, Moisés fica atento ao pedido do povo, e se dirige a Deus para expor o problema. A perícope termina com o questionamento do povo: “O Senhor está no meio de nós, ou não?” (v.7). Esse questionamento é intrigante, pois revela as dúvidas, as indecisões, os altos e baixos do crer. Faz pensar em nós, cristãos de hoje, sobre as tantas vezes em que, mergulhados em nossos problemas e aflições, duvidamos da presença de Deus. E os nossos corações parecem ficar congelados, e nos esquecemos do amor gratuito de Deus em nossa história pessoal e coletiva.

2. Em estreita relação com a I Leitura está o Evangelho deste domingo. Trata-se da revelação progressiva que Jesus faz de si mesmo à mulher da Samaria. Jesus utiliza a simbologia da água, que, em sintonia com o texto do Êxodo, torna-se símbolo que revela o mistério do infinito e gratuito amor de Deus, que derrama água de vida. Jesus segue o caminho para Jerusalém e passa pela Samaria e, nesse lugar, age sem se importar com os preconceitos, quebrando barreiras culturais de sexo, de raça, de nacionalidade, de religião. Um Mestre não devia falar fora de casa nem com sua própria mulher. As mulheres não tinham voz, nem vez naquela sociedade e, além disso, essa mulher era uma samaritana; os samaritanos eram considerados inimigos, forasteiros, adoradores de outros deuses, pelos judeus. É um encontro à beira do poço, o que carrega também muita simbologia. O poço, na cultura judaica, é figura do Culto e da Lei, também sinal da comunhão sponsal, que reflete a relação de aliança entre Deus e o povo. A água do poço da Samaria faz memória à água que jorrou da rocha no deserto, com Moisés, que é o homem da Lei. Encontramos palavras que se inter cruzam: água, “água viva”; rocha, “rocha viva”; Moisés, Jesus, o “Novo Moisés”; Lei, Jesus é a “Nova Lei”. O encontro de Jesus com a mulher da Samaria, ao redor do poço, é um encontro de revelação: Jesus é o Cristo, o Esposo que quer desposar a Igreja. É Jesus, cansado, que inicia o diálogo e pede água, é Ele quem se aproxima e abre espaços de proximidade. É Ele que orienta o rumo do diálogo, adianta-se, faz como Deus fez com o pequeno resto do povo de Israel, que não possuía nenhum atrativo. Jesus faz assim também com esse pequeno povo da Samaria, com o qual quer dialogar e fazer aliança. A mulher Samaritana, no primeiro momento, interpreta a fala de Jesus sobre a água, ainda no plano natural. Mas, aos poucos, é ela quem vai descobrindo que Jesus fala de uma água diferente: “Vejo que tu és um profeta” (v.19). E a conversa toma outra direção, a mulher sente o desejo de compreender quem é Jesus. Ela já entendeu que Ele é alguém diferente,

que está marcando sua vida. Jesus propõe possibilidades de novas relações, sem distinções e separações, seja com os irmãos, seja com a Lei. No decorrer da conversa, Jesus deixa claro que Ele tem a verdadeira água que jorra para a eternidade. Também os Samaritanos e todos os povos podem receber o próprio Jesus. Após a conversa com Jesus, a Samaritana passa da escuta para o seguimento, e nasce uma nova discípula e missionária de Cristo. Por isso ela tem coragem e forças para sair e ir anunciar Jesus. Esse é o nosso desafio!

3. O prefácio dessa celebração fala do dom que Jesus foi para a vida da Samaritana: “Ao pedir à Samaritana que lhe desse de beber, Jesus lhe dava o dom de crer. E, saciada sua sede de fé, lhe acrescentou o fogo do amor”. O encontro com Jesus é um encontro mistagógico: ele nos conduz ao mistério divino do amor. Esse amor, simbolizado no encontro junto ao poço, é convite sponsal do Senhor a cada um de nós, que somos chamados à fé. É um amor que vai sendo consumado paulatinamente na vida comunitária, em comunhão com os irmãos e irmãs, até que seja plenamente realizado. Esse amor celebrado, que nos leva ao testemunho e ao anúncio (cf. Evangelho, v.29), é também convite à fé para os outros, para os que estão à margem: “Muitos samaritanos daquela cidade abraçaram a fé em Jesus, por causa da palavra da mulher que testemunhava [...]” (v. 39). Do anúncio que fazemos, que é fruto da experiência pessoal e comunitária, nasce a experiência individual de cada homem e mulher que se abre ao Senhor, aderindo à fé: “E disseram à mulher: ‘Já não cremos por causa de tuas palavras, pois nós mesmos ouvimos e sabemos, que este é verdadeiramente o salvador do mundo’” (v. 42). Isso porque o mesmo amor que age em nós alcança a todos aqueles que se abrem à graça de Deus. Não é pelo mérito pessoal de nosso testemunho que o outro encontra o Senhor, mas, sim, pela ação da própria graça de Deus que atua em nós. É por isso também que não devemos fechar nosso coração, mas nos abrimos à voz do Senhor, como reza o salmista. Ao contrário dos que em Massa e Meriba (I Leitura e Salmo) se voltaram contra o Senhor, nós nos colocamos abertos ao amor que ele nos dispensa. Da experiência de nos sabermos amados, abrimo-nos à fé no Deus de Jesus Cristo.

4. Saber que somos amados por uma Graça infinitamente maior que nós, faz-nos tomar consciência de nossa fragilidade e pequenez e, a partir disso, aderir ao Senhor com a fé de filhos e filhas (cf. Oração do dia). É uma fé consciente de que precisamos crescer em santidade, constantemente buscando a nossa conversão à realidade do Reino de Deus. Nessa caminhada somos confortados pela misericórdia de Deus e apoiados pelo testemunho de fé dos irmãos e irmãs. Nós, que por Jesus temos acesso à graça da salvação, devemos permanecer firmes na esperança de que a resposta do Pai à fidelidade do Filho (a Ressurreição) também acontece

em nossa própria vida de discípulos e discípulas. Pois, como afirma Paulo, “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (II Leitura, v.5). É o Espírito que nos coloca na dinâmica da conversão, conformando nossa vida à de Jesus. A quaresma é, nesse sentido, convite para que olhemos, por força e moção do Espírito, as opções que temos feito em nossa vida e as avaliemos à luz da vida e missão de Jesus, que nos oferece a água viva e o amor indestrutível do Pai. É momento propício para que também reafirmemos nossa esperança numa realidade nova, contribuindo para a transformação do mundo e denunciando as realidades de morte, que negam a dignidade da pessoa.

Sugestões litúrgicas

1. No espaço sagrado, dispor a pia batismal ornada com vasos de barro. Cuide-se para que não haja exageros e que os vasos não atrapalhem a aproximação dos fiéis junto à pia.

2. Uma boa escolha para a saudação presidencial é a opção “f” do Missal, por sua sintonia com a II Leitura: “Irmãos eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito para obedecer a Jesus Cristo e participar da bênção da aspersão do seu sangue, graça e paz vos sejam concedidas abundantemente”.

3. Sugerimos a substituição do ato penitencial pelo rito da persignação. Após a bênção da água, a comunidade é convidada a se aproximar e, depois de mergulhar a mão, proceder com a persignação (sinal da cruz). O canto “Derramarei sobre vós”, que pode acompanhar o rito, harmoniza-se muito bem com o sentido litúrgico dessa celebração.

4. Para a Oração da Assembleia (Preces), sugerimos que seja disponibilizada, para todos os fiéis, a oração da Campanha da Fraternidade, que todos devem rezar juntos.